

RESENHA

FRANCO MAXIMILIANO RODRÍGUEZ MIGLIARINI

(UFSC - Brasil)

Escrever uma resenha para um livro com as significativas pretensões de abrangência que *Valor Intrínseco* possui resulta uma tarefa complexa em si mesma. Somado a este fato, é do meu conhecimento que, no que se refere a resenhar a dita obra, eu fui brilhantemente antecedido, coisa que reduz o espectro de aspectos a destacar deste livro, sob pena de cair na reiteração de enunciados já feitos. Por esse motivo, vou limitar-me a tratar alguns dos aspectos que não tenham sido ainda abordados em profundidade por algum outro leitor de Dall'Agnol.

Como bem expressa Nelson G. Gomes na sua resenha de *Valor Intrínseco*, “falar sobre a ética de Moore implica o estudo de vários trabalhos, nos quais o pensamento do autor se modifica freqüentemente no contexto de querelas muito sutis.” (GOMES, 2005, p.181) Um dos grandes êxitos no produto final de Dall'Agnol é o ter mostrado como ninguém e com detalhes dignos de um bom pesquisador, a evolução da obra mooreana ao longo da extensa produção acadêmica do referido autor. Sem o auxílio das datas e os contextos que foram escritos cada um dos textos de Moore (o que graças a Dall'Agnol pode-se hoje apreciar como uma evolução), sua obra seria possivelmente apenas considerada uma produção incoerente e inconsistente.

Dall'Agnol deixa claro ao longo de toda a sua tese que o conceito de valor intrínseco que

Moore emprega é suscetível de sérias críticas e possíveis melhoras. Todavia, seu trabalho não se esgota na pura crítica destrutiva, mas o que tenta é recuperar alguns importantes aportes que a metaética mooreana pode oferecer à produção teórico-filosófica para combiná-la com uma metaética aristotélica, obtendo assim uma nova proposta metaética a ser levada em consideração. O que Dall'Agnol denomina “enfoque aristotélico-mooreano” diz respeito a sua idéia original de ligar as teorias metaéticas de Aristóteles e de Moore para superar os pontos fracos de ambas e conseguir dar forma a uma metaética contemporânea, rica em conteúdo e articulada para a superação de críticas clássicas ao pensamento ético mooreano. Dall'Agnol sabe com perfeição sacrificar concreção na sua proposta ética para em troca obter uma metaética que não cai no abuso de extremismos, radicalismos, formalismos, simplismos e outros vícios próprios de éticas paradigmáticas tradicionais. Esta fusão que ele propõe é consistente com uma constante do seu trabalho, a saber, seu interesse em achar uma alternativa metaética que resgate os pontos fortes tanto das teorias deontológicas (entre as principais, o kantismo e o intuicionismo) quanto consequencialistas (por exemplo, o hedonismo e o teleologismo).

Dall'Agnol tenta também defender Moore de críticas que, segundo ele, são injustas, por exemplo, aquelas que o classificam como um

simples utilitarista clássico. Ele trata de expor os muitos matizes da obra de Moore, numa tentativa de mostrar que a mesma possui fortes traços não somente consequencialistas, mas também deontológicos. Segue-se que numa ética mooreana não existiria um negligenciamento dos direitos individuais como acontece no utilitarismo clássico de Bentham, entre outros.

Tal como em *Valor Intrínseco*, em escritos posteriores, entre eles seu livro *Bioética*, Dall'Agnol segue sustentando a importância de combinar apropriadamente aspectos consequencialistas e deontológicos com a finalidade de superar problemas tradicionais da Filosofia Moral, tais como o formalismo vazio próprio da ética kantiana, assim como o desrespeito dos direitos individuais que tem lugar na ética utilitarista. É a rica mistura de consequencialismo e deontologia um dos grandes destaques da metaética de Dall'Agnol que não somente se acha em *Valor Intrínseco*, mas em toda sua obra.

Em função do nível de excelência de *Valor Intrínseco* e da obscuridade do seu tema central, ousar realizar uma crítica parece ser um atrevimento desmesurado. Entretanto, é possível esboçar uma crítica construtiva desde uma abordagem meta-filosófica. A introdução de *Valor Intrínseco* possui quiçá uma das passagens mais provocantes do livro. Nela, Dall'Agnol conta o relato bastante aceito (mas sumamente discutível) de como a produção analítica (metaética), tão abundante na primeira metade do século XX, cedeu seu lugar em grande medida à pesquisa ética-política, isto em grande parte devido ao impacto causado por *Uma Teoria da Justiça* de Rawls. Dall'Agnol faz suas as palavras de Harman, para dizer que no decorrer

de um longo período de tempo, o interesse pela metaética ressurgiu, revertendo o “declínio” que tinha significado para a filosofia moral sua incursão no plano político. Esta última afirmação de Dall'Agnol resulta em princípio um tanto ambígua e pode ser entendida de duas maneiras.

Uma delas, a mais generosa ainda que a menos plausível, é que esse “declínio” de que fala o autor seja o fato de que a filosofia moral em vez de se ocupar de assuntos tanto metaéticos quanto políticos (entre outros) passe somente a se ocupar dos segundos. Por que digo que esta é a opção menos plausível? Porque se de fato esta é a opinião de Dall'Agnol, ele não teria que ter utilizado a palavra “declínio” já que, o que sucedeu, segundo ele, não foi que a filosofia moral deixou de se envolver em questões metaéticas e políticas para somente atender as segundas, mas que passou a não se ocupar mais das primeiras para se focar nas segundas. Assumindo agora a tese de que o ideal seria que a filosofia moral se ocupasse de ambas, o que aconteceu na metade do século XX (concedendo o fato questionável de que aconteceu que se deixou de pesquisar em metaética para trabalhar em teoria política) não poderia descrever-se propriamente como um “declínio”, mas como uma simples troca de perfil da pesquisa ética, dedicada agora somente a assuntos como, por exemplo, temas de justiça distributiva. Este fenômeno não seria descritível como um “declínio” porque, se a filosofia moral investigasse somente no terreno da política, então isto seria quiçá tão pouco desejável quanto que a mesma se tornasse uma vez mais puramente intra-filosófica, totalmente descarnada.

A outra forma de interpretar esta passagem, e a mais plausível, é a de entender que Dall'Agnol propõe como preferível a produção

metaética ao invés da ética-política. Sendo assim, essa parece uma opinião pelo menos questionável. Somado a isto, resulta estranho observar no final do livro, nos capítulos 7 e 8, que seja o próprio Dall’Agnol quem destaque como uma carência da obra de Moore a falta de abordagem política a ponto de afirmar que “um Principia Política deveria seguir-se ao seu Principia Ethica.” Para ser coerente com as linhas referidas da introdução, se poderia dizer que a ética de Moore não pecaria por não se ocupar de questões políticas, já que estas, comparadas com a pura reflexão filosófica, seriam um assunto de menor nível.

Em vez de defender o trabalho metaético a ponto de desestimar o filosófico-político, é talvez conveniente aceitar que uma das melhores conquistas da Ética do século XX foi ter ganhado novamente um espaço (bem merecido) para além das fronteiras do estritamente filosófico, tal como possuía tempos áureos do contratualismo clássico, não esquecendo que a metaética representa uma área de infinito valor teórico que oferece importante luz na hora de realizar juízos sobre questões práticas. Menosprezar a produção no campo da filosofia política (que como já foi dito é provavelmente um dos maiores valores conquistados pela Filosofia nos últimos tempos), a partir da doutrina analítica, é comparável a que a produção metaética seja desestimada por filósofos políticos. A Filosofia teórica e prática não devem ser entendidas como opostas, mas antes de tudo como complementares.

Além de marcar esta crítica sugestiva, resta destacar que ela não pretende desmerecer nenhum aspecto central de Valor Intrínseco. Vale a pena ressaltar que a mesma não é mais que uma reflexão meta-filosófica e que não tenta questionar nem as conseqüências nem os resultados da tese. Resta-me ademais dizer que é do conhecimento de quem está sempre atento ao trabalho de Dall’Agnol, que dentro dos seus projetos futuros, está tentando concluir um novo livro, com uma proposta na área da Bioética, que combina de grande forma, questões não somente consequentialistas e deontológicas, mas teóricas e práticas, deixando claro que seu trabalho vai além da pura pesquisa analítica.

Dall’Agnol tem demonstrado, pelo menos nos últimos dez anos, ser um autor com uma linha de investigação própria e original. Sua experiência na área da filosofia analítica, colhida por anos de estudo de Wittgenstein e Moore, faz deste um autor peso pesado na literatura filosófica-brasileira. Valor Intrínseco é um de seus tantos trabalhos, o seu primeiro de grande impacto, que possui como característica ter sido o ponta-pé inicial de obras posteriores que, como foi adiantado, resultarão totalmente coerentes com a dita tese doutoral. Bioética e outros textos inéditos de Dall’Agnol foram possíveis graças ao seu sólido conhecimento da já mencionada analítica anglosaxona-norteamericana. A leitura de Valor Intrínseco é sem dúvida uma obrigação para todo aquele que pretenda conhecer a fundo a complexa ética mooreana; vale a pena lê-lo.